

SOUSA, Lúcio de (2019). *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*. Leiden; Boston: Brill, 594 pp., ISBN 978-90-04-36580-3.

Desde o ano de 2015, a editora Brill tem reservado um espaço anual para a publicação de um conjunto de investigações acerca do fenómeno da escravatura, pensado na sua dimensão diacrónica e mundial. Intitulada *Studies in Global Slavery*, essa série de obras monográficas e coletivas procura ser difusora de estimulantes interpretações que permitam aprofundar e reenquadrar o entendimento dessa temática histórica. Um propósito que deriva da relevante projeção que a análise das dinâmicas escravagistas tem adquirido nestas últimas décadas e do papel preponderante que as perspetivas da história global têm vindo a assumir no seio da historiografia mais atual.

Correspondendo ao sétimo volume dessa série, a obra *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*, publicada em 2019, não se afasta dos princípios orientadores da coleção, os quais são coincidentes com as próprias tendências analíticas que caracterizam os trabalhos do seu autor, Lúcio de Sousa. Com efeito, o professor associado da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, habituado a conciliar os âmbitos social, político, económico e religioso nos seus exames da complexa experiência portuguesa no continente asiático, como em *The Early European Presence in China, Japan, The Philippines and Southeast Asia, (1555–1590) – The Life of Bartolomeu Landeiro*, de 2010, não prescinde de um olhar crítico, comparativo e global, para analisar a realidade histórica. Facto que propiciou a edição, em 2018, da obra *Global History and New Polycentric Approaches: Europe, Asia and the Americas in a World Network System*, juntamente com Manuel Perez Garcia.

Os mesmos atributos tornam-se manifestos no livro *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan*. Nele, intenta-se gizar os principais contornos do tráfico de chineses, japoneses e coreanos escravizados, amplamente difundido desde o Japão entre os séculos XVI e XVII, o qual múltiplos atores europeus (em especial, portugueses), inseridos em extensas redes de comércio e de influência, permitiram exponenciar.

Ambicionando reconstruir o sistema comercial escravagista que adquiriu raízes nessa região do planeta, seguindo os eixos de navegação portugueses e castelhanos, bem como as comunidades japonesas na diáspora, além de pretender avaliar o impacto desse modelo de escravatura na legislação ibérica epocal, o trabalho de Lúcio de Sousa procura, com isso, preencher uma lacuna historiográfica no estudo da escravatura nipónica e, conseqüentemente, asiá-

tica, muito menos explorada do que a escravização das populações africanas.

Para tal, Sousa emprega uma rigorosa metodologia analítica. Suportado por um significativo levantamento arquivístico, assente, por exemplo, na correspondência entre eclesiásticos, processos inquisitoriais, testamentos e registos paroquiais de batismo, casamento e óbito, o autor faz uso de um modelo interpretativo que concilia abordagens quantitativas e qualitativas com os princípios da micro e da macro-história, os quais lhe permitem “apresentar narrativas individuais de escravos japoneses, chineses e coreanos e integrá-las num contexto transnacional, transcontinental e transcultural” (p. 5).

Dado, pois, o particular quadro teórico que suporta a obra de Lúcio de Sousa, talvez tivessem sido de incluir, na sua etapa introdutória, referências a trabalhos que tomem as correntes historiográficas invocadas como objeto de estudo. Dessa forma, o leitor compreenderia melhor as opções metodológicas seguidas pelo autor.

No tocante à estrutura, a obra encontra-se dividida em oito capítulos, ao longo dos quais são apresentados três esquemas e vinte e cinco tabelas. Partindo da descrição das principais etapas do escravagismo nipónico, que permitiu a Sousa apontar, não apenas, para a importância das funções militares e religiosas desempenhadas pelos indivíduos escravizados, como também, para a participação de vários elementos da Companhia de Jesus na legitimação e impulsão desse trato, o autor consegue dissecar, com êxito, as complexas relações estabelecidas entre os atores históricos que participaram na tarefa escravocrata – desde colaborações a antagonismos envolvendo os representantes da Coroa portuguesa e ibérica, os mercadores privados, os padres jesuítas e as autoridades japonesas. E isto à medida que o comércio escravagista asiático se libertava das suas primigénias âncoras regionais, lançadas sobre os mares da China, para se tornar intercontinental, alcançando os espaços europeu e americano.

Contudo, alguns aspetos deste trabalho merecem nota crítica. Não obstante a investigação do autor ser, prolixamente, interpolada por múltiplas tabelas, nas quais são apresentadas informações acerca dos inúmeros indivíduos que ela permitiu redescobrir, a articulação direta entre as tabelas e o texto poderia ter sido mais bem conseguida, aumentando-se, por exemplo, o número de vezes em que as primeiras surgem mencionadas, de forma explícita, nos parágrafos da obra. De resto, a análise que é feita das informações coligidas é, por vezes, mais descritiva do que interpretativa, quase que correspondendo a uma compilação mais detalhada dos dados tabelares.

Lúcio de Sousa prossegue a sua narrativa com uma reflexão acerca da estrutura interna do tráfico escravagista, analisando tanto os momentos de captura, venda e transporte dos indivíduos escravizados, como a ação dos

seus principais dinamizadores. Aqui, focando-se no grupo dos angariadores, responsável pela captura de pessoas para posterior comercialização, o autor decide não aprofundar as suas origens sociais nem as estratégias não-coercivas, por eles utilizadas, para ludibriar os indivíduos no seu processo de escravização – algo que o simples apontar para a prometida concretização das “esperanças de trabalho” (p. 261) dos últimos não remedeia. O preenchimento dessas lacunas possibilitaria conhecer, melhor ainda, o sistema escravista japonês, que é, aliás, um dos principais objetivos desta obra.

Os sexto e sétimo capítulos são dedicados à análise da diáspora asiática, em muito, derivada do tráfico escravagista. O alcance das interpretações de Sousa é significativo, uma vez que, ora dedicando-se a estudos de caso, ora refletindo sobre movimentações gerais, consegue ir além da componente comercial desse fenómeno, dando a conhecer as vivências dos indivíduos deslocados e dos seus compradores e respetivas famílias, o modo como a Companhia de Jesus encontrou nas dinâmicas escravagistas uma fonte de recrutamento dos seus futuros membros e os impactos multiníveis da fixação dessas populações nos mais variados territórios.

Já no último capítulo, intenta-se aquilatar a evolução das legislações ibéricas referentes à escravatura nipónica, destacando-se a difícil implementação, no continente asiático, do decreto de 1570, promulgado por D. Sebastião, a proibir esse modelo de escravidão. Protelada pela oposição dos mercadores goeses, a abolição só seria garantida a partir de 1605 e 1607, mormente, através da ação do bispo D. Luís de Cerqueira, figura histórica que Sousa procura “honrar” (p. 481).

O viés laudatório que o emprego desse verbo sugere parece ser questionável, porquanto atenta contra a objetividade da análise, até então, encetada. Do mesmo modo, a utilização de termos como “nação”, “raça” e “cidadão” num estudo relativo ao período moderno aparenta ser problemática. Ainda assim, tal não é suficiente para debelar a qualidade desta obra, que, com justiça, foi premiada em 2019 pela Academia Portuguesa da História e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Em suma, a leitura de *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan* revela-se imprescindível para qualquer investigador interessado em aprofundar o seu conhecimento acerca das múltiplas dimensões do fenómeno escravagista asiático e acerca da participação portuguesa no seu desenvolvimento.

GUILHERME MIGUEL MENDES DE SOUSA

Universidade de Coimbra, CHSC

guisousa160@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9408-1427>

